

Colaboratórios literários na pesquisa de literatura infanto-juvenil: uma proposta de ferramenta metodológica

Gláucio Aranha*

RESUMO:

Os novos canais instauram e demandam estratégias diferenciadas de escrita e leitura. Estas precisam ser adequadamente mapeadas e compreendidas, contribuindo para o desenvolvimento de projetos de pesquisa ajustados ao paradigma contemporâneo. O uso de colaboratórios voltados para a literatura infantil e juvenil é uma valiosa ferramenta para a investigação experimental em ambientes de hipermídia.

Palavras-chave: Colaboratórios. Literatura infanto-juvenil. Pesquisa. Ferramenta metodológica.

Introdução

Como produção cultural, escrita e leitura são práticas historicamente construídas e fortemente influenciadas pelas inovações nas *tecnologias da inteligência* (LÉVY, 1993) e nas últimas décadas, observamo-nos diante da proliferação de novas tecnologias que redimensionam a experiência de estar-no-mundo do sujeito contemporâneo em diversos sentidos, dentre os quais interessa-me especialmente sua condição de sujeito comunicante.

Parto da percepção de que a proliferação de textos desenvolvidos em suportes multimodais instaura uma demanda por ferramentas metodológicas mais pertinentes com a pesquisa da escrita e leitura no paradigma tecnológico contemporâneo. Neste sentido, o presente artigo revela o resultado de uma pesquisa exploratória sobre o tema¹, apresentando uma proposta de ferramenta metodológica, a saber: os colaboratórios.

Marcados por recursos interativos e participativos, os colaboratórios literários apontam para uma nova forma de exploração e experimentação no campo dos estudos literários. Sua aplicação no segmento infanto-juvenil se destaca tendo em vista que os leitores primários são sujeitos que nasceram e se desenvolvem dentro do paradigma eletrônico, portanto menos impregnados pela lógica da cultura impressa.

A literatura infanto-juvenil e novos gestos de leitura e escrita

Em termos gerais, a leitura envolve a ação de apreensão, apropriação e transformação de conteúdos, sendo naturalmente interativa, uma vez que a produção dos sentidos é um resultado cognitivo da interação do leitor e toda a sua bagagem subjetiva com os textos e suas marcas implícitas e explícitas. Não se trata de um processo preciso e delimitado por uma percepção exata e sequencial (progressão de letras, sílabas, palavras, estruturas e proposições), mas uma ação cognitiva de captação e metabolização de signos selecionados pelo leitor (DE LL'ISOLA, 2001, p. 30) em uma relação norteada por determinado contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2007, 2006). A leitura de um texto literário se diferencia por demandar ainda um outro tipo de competência cognitiva relacionada com a função poética da linguagem, sua literariedade.

A teoria de Howard Gardner (1995) sobre as inteligências múltiplas nos permite hoje pensar esta função poética relacionando-a com o conceito de inteligência linguística (GARDNER, 1995, p. 25). Trata-se de uma competência cognitiva que, além de tratar do potencial de percepção e manipulação dos códigos linguísticos, está intimamente ligada à capacidade de aplicação destes na proposição de conteúdos e interpretação, habilitando o sujeito a alcançar estratos mais refinados de elaboração sensível da linguagem.

Tomando parte desta equação, os novos canais estabelecem especificidades linguísticas e caminhos inovadores para a exploração da função poética (ARANHA, 2008). Neste sentido, impõem-se a necessidade do entendimento da escrita e da leitura neles produzidas; bem como a exploração de seu potencial como técnica a serviço da literatura.

Pensar a escrita e a leitura de textos literários em hipermídia, junto ao segmento da literatura voltado para o público infantil e juvenil, revela-se um instigante e promissor caminho, tendo em vista que esta produção não passa incólume a sua configuração histórico-social (COELHO, 1991). Primeiro, porque a criança e o adolescente têm em relação aos novos canais uma abertura que vai ao encontro desta tecnologia sem a internalização, e conseqüentes resistências, do paradigma antecedente, ou seja, a cultura impressa. Grande parte destes leitores, nascida dentro do paradigma de uma sociedade marcada pela mediação eletrônica, passou/passa pela alfabetização e letramento digital.

Uma pesquisa dos novos textos que esteja atenta ao perfil diferenciado de leitores digitalmente letrados se alinha com o entendimento de que o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade (TFOUNI, 1995, p. 20). Assim sendo, o campo da literatura infanto-juvenil apresenta-se em privilegiado momento histórico por dialogar com receptores potencialmente melhor instrumentalizados para dar conta das novas ofertas tecnocognitivas hoje disponíveis.

Ao selecionarmos este universo literário para a presente reflexão, assinalamos, ainda, a importância de pensar a literatura infanto-juvenil em tempos de hipermediação das transferências de conteúdo como marco na emergência de um novo leitor. Vale destacar que como fenômeno de representação criativa do mundo através da palavra, esta literatura funde o imaginário e a vida prática (COELHO, 1997), sendo justamente esta “vida prática” alvo de mudanças que não devem ser ignoradas.

Se esperarmos que a obra infanto-juvenil possua também um potencial de favorecimento da criticidade e da emancipação do leitor, importante se faz que estejamos atentos não apenas ao que diz, mas ao “como” esta obra comunica, ao seu contrato de comunicação. Este deve ser entendido, segundo Charaudeau (2007), como um ritual sociodiscursivo constituído pelo conjunto das restrições e liberdades oriundas das condições de produção e de interpretação do ato de linguagem.

No ciberespaço, é possível encontrar experiências de produção hipertextual dos mais variados graus de imersão e interatividade. Entretanto, vale lembrar que mesmo que um texto esteja vinculado a um dado *projeto de comunicação* e a *estratégias discursivas*, quando da sua produção, nem sempre elas são efetivadas na leitura. Um *projeto de comunicação* diz respeito à finalidade para a qual o texto foi escrito, enquanto as *estratégias discursivas* estão ligadas à gestão das restrições e liberdades para atingir a meta estabelecida (CHARAUDEAU, 2007).

Vale lembrar que apesar da ampliação do alcance da indústria editorial, desde a década de 1970, deparamo-nos com um cenário que, frequentemente, denuncia a crescente “falta de interesse” para a leitura por parte do público infanto-juvenil. Todavia, parece-me mais adequado pensar em “falta de motivação” pelos formatos tradicionais, consolidados pelo paradigma da escrita impressa. Os dispositivos computacionais vêm, neste sentido, propor novos esquemas de fruição da leitura que apontam para a demanda destes jovens leitores, harmonizando a prática da escrita e da leitura com o

paradigma histórico-cultural que os envolve. Como consequência, é possível defender a hipótese de que a produção de textos em novos canais implica a realização de novas possibilidades de contratos de comunicação e novas estratégias discursivas. Assumindo que os *jovens leitores*, nascidos dentro deste paradigma tecnológico, estão mais alinhados com os suportes e a sua lógica textual do que os produtores que assumem muitas das vezes a lógica do impresso em relação ao suporte digital.

Atualmente, no Brasil, é possível verificar alguns esforços objetivando desenvolver uma abordagem científica dos processos de leitura, tais como as iniciativas do Laboratório de Pesquisa em Leitura e Cognição – LPLC (CEFET-MG), Laboratório de Pesquisa e Ensino de Leitura e Redação – LABLER (UFSM), Centro de Pesquisas Literárias – CPL (PUC-RS), dentre outros. Com o mesmo direcionamento científico, a presente reflexão tem por meta propor uma ferramenta metodológica ainda pouco explorada no campo dos estudos literários, especialmente no segmento da literatura infanto-juvenil. Ênfase a necessidade de focar a questão da escrita e da leitura em ambientes literários experimentais, especialmente aqueles centrados no uso de hipermídia. Todavia, a investigação de base experimental demanda aportes metodológicos que as diferenciem de investigações meramente exploratórias. Neste sentido, destaco aqui o uso dos chamados “colaboratórios” como ferramenta para a abordagem experimental, a através da qual o pesquisador disporia de instrumentos de medição e monitoração de dados que auxiliariam sobremaneira na busca de indícios que evidenciem as particularidades dos contratos de comunicação e das estratégias discursivas nos textos em hipermídia.

Colaboratórios: laboratórios de pesquisa colaborativa

O termo *colaboratório* deriva da expressão inglesa *collaboratory*, sendo a contração das palavras *collaboration* e *laboratory*. A definição do termo se deu, inicialmente, com William Wulf (1993). Ele descreve o colaboratório como um ambiente virtual a partir do qual múltiplos pesquisadores, sem a necessidade de participação presencial, podem interagir acessando instrumentos, compartilhando informações e recursos de natureza computacional com o intuito de estabelecer pesquisas acadêmicas. A princípio tal descrição pouco se distingue de muitos outros ambientes computacionais, todavia este conceito passou por reformulações desde sua primeira elaboração.

Laurence Rosenberg (1991) enfatiza a viabilidade de uso de tais ambientes para a realização de pesquisa experimental e empírica pautada na participação e interação tecnologicamente mediada. Este entendimento é reforçado por Derrick Cogburn (2003) que dá destaque também para os colaboratórios como forma de organização em rede, capaz de englobar processos sociais, técnicas de colaboração, comunicação formal e informal, bem como formas de acordo, normas, princípios e regras. A definição de colaboratório foi ainda alvo de atenção de Dan Cosley e colaboradores (2005), Diane Sonnenwald (2003) e Thomas Finholt (1995).

Interessa-nos mais a formulação de uma proposta metodológica para o uso de colaboratórios como ferramenta em pesquisas de escrita e leitura colaborativa no campo da literatura infanto-juvenil. Neste sentido, os colaboratórios devem ser entendidos como laboratórios de colaboração e compartilhamento de informações em rede, podendo ser desenvolvido a partir de *softwares* como o Moodle, Mimerdesk e outros (ROSS-FLANIGAN, 1998). Esta ferramenta parte de uma plataforma digital que viabilize a interação virtual entre os agentes envolvidos (SCHWARTZ, 1995).

O desenho experimental de um colaboratório passa, antes de qualquer coisa, pela definição das especificidades da pesquisa a ser realizada e seus propósitos. No caso de um colaboratório literário, podemos partir dos seguintes formatos: colaboratório de pesquisa documental/bibliográfica ou de pesquisa experimental em produção e recepção literárias.

Colaboratório de pesquisa documental/bibliográfica

Um colaboratório de pesquisa documental/bibliográfica é orientado, por exemplo, para a disponibilização de um banco de dados com os textos que gravitam em torno de um dado objeto, tendo por fim o uso compartilhado do trabalho por dois ou mais pesquisadores. Em caráter exemplificativo, podemos assumir que um grupo de pesquisadores está trabalhando a representação do feminino no universo de Monteiro Lobato. Para tanto, o colaboratório pode ser usado para reunir pesquisadores de diferentes regiões na construção de um banco de dados com todas as obras de Lobato que lhes interessarem e com recursos técnicos para a realização de debates e análise de resultados em colaboração. Neste caso, o colaboratório poderia articular ferramentas de videoconferência, de criação de registros escritos coletivamente, espaços para controle de dados, compartilhamento de planilhas, redação coletiva de artigos e tantos outros recursos quantos sejam necessários e pertinentes.

Embora bastante útil para trabalhos de cunho comparatista, este formato se ajusta melhor às pesquisas de textos estáticos. Segundo Henline (1998), a dinâmica no intercâmbio de informações é um dos principais ganhos no processo colaborativo por facilitar a congregação de pesquisadores com diferentes especialidades.

Colaboratório de pesquisa experimental em produção e recepção literárias

É, contudo, na questão experimental que o uso dos colaboratórios revela seu maior potencial para os estudos literários. Apesar da possibilidade de aceleração e ampliação do sistema de comunicação e compartilhamento de dados representarem um aspecto relevante, é na possibilidade de desenvolvimento de investigações experimentais que observamos uma das mais importantes características de um colaboratório (Henline, 1998). No tocante à produção literária, esta ferramenta viabiliza a criação de bases tecnológicas flexíveis para a construção de variados desenhos experimentais de textos literários, sendo possível, por exemplo, definir: tema, recursos tecnológicos disponíveis, cadastramento de usuários (autores-leitores, outros pesquisadores associados), administração de licenças (quem pode escrever, ler, carregar arquivos, alterar, ver estatísticas etc.), dentre outros tantos aspectos que não podem ser aqui limitados. A plasticidade de tais ambientes viabiliza ao pesquisador acompanhar o processo de escrita colaborativa, mapeando: a lógica da construção textual, os modos de colaboração, os processos de combinação verbo-icônica (ARANHA, 2008), dentre tantos outros aspectos possíveis.

Entre crianças e adolescentes, sistemas de composição coletiva já são usados de forma amadora e não sistematizada, por exemplo, em comunidades virtuais e listas de discussão, com destaque para os casos ligados a participantes de *roleplaying games* (jogos de interpretação), nos quais cada agente assume o controle de um personagem na criação de uma narrativa em colaboração (SANTAELLA, 2006). Os colaboratórios permitem ao pesquisador estabelecer um olhar sobre todo o processo deste tipo de construção, avaliando e analisando a produção do texto no exato momento da geração de cada fenômeno que o integra, por exemplo: debates fora da narrativa, mas dentro do ambiente (*off*); redação de falas dos personagens e descrições de ações (*on*); *upload* de imagens e sons que integram a narrativa; dentre outros.

No sentido das pesquisas de recepção do texto literário produzido em ambiente de hipermídia, os colaboratórios permitem, ainda, o controle de acesso por cadastramento de leitores, fornecendo ao pesquisador o acompanhamento permanente do perfil de leitores, especialmente em projetos de longa duração. Em projetos fechados e de duração restrita, o pesquisador poderá acompanhar as estatísticas de leitura, bem como aspectos qualitativos com um número pré-determinado de leitores.

O laboratório pode ser utilizado nestes casos com o fim de mapear: o tipo de relação e intervenção do leitor no texto, sua reação aos diferentes recursos disponibilizados, os usos não previstos do canal e suas apropriações, dentre tantos outros aspectos relevantes que muitas vezes passam despercebidos pelo olhar idealizador do autor e do pesquisador. Obviamente, as possibilidades aqui não se esgotam. *Softwares*, como o Google Analytics, possibilitam hoje a criação de metas e acompanhamento de metas, por exemplo, o percurso linear em um texto hipertextual, estabelecendo um quadro comparativo do desempenho do leitor entre os dois paradigmas.

Adaptando o trabalho de Ede e Lunsford (1983) e reconstruindo-o para a ferramenta metodológica aqui tratada, verificamos três categorias para o uso de laboratórios com fins literários:

1) *colaboração intensa* – Caso em que dois ou mais sujeitos criam um texto de forma conjunta, com o mesmo grau de liberdade e licenças para atuação no sistema. Neste caso, o laboratório deve estabelecer campos específicos para o processo de escrita do texto literário, regras e orientações estilísticas e procedurais, bem como recursos paralelos (videoconferência, *blogs*, *e-mails* etc.) através dos quais o texto produzido poderá ser debatido, editado, trabalhado sistematicamente e coletivamente pelos pesquisadores ou autores-leitores.

2) *colaboração média* – Caso em que não há a necessidade de contato pessoal entre os agentes envolvidos, podendo cada um intervir livremente, por exemplo, com adições que dão continuidade a uma proposição narrativa aberta ou mesmo o agrupamento de textos independentes entre si, desde que produzidos com o fim de compor um painel temático, como um mosaico de poesias infantis.

3) *colaboração tênue* – Caso em que um ou mais indivíduos assumem o controle de um sistema colaborativo, selecionando e agrupando conteúdos que se ajustem a um dado interesse, por exemplo, um anel (*webring*) de sites de contos-de-fadas, uma comunidade virtual de contos de mistério e suspense, sempre estabelecendo um agrupamento de atividades individuais. Neste caso, ao contrário da categoria anterior, os textos selecionados são apenas genericamente relacionados, prevalecendo a aleatoriedade entre aqueles que compõem a categoria macro. O grau de colaboração é tênue, ajustando-se mais ao nível catalográfico do que de produção.

Cada qual destas categorias é relevante em relação ao escopo de uma dada pesquisa. Para a implementação de um laboratório, é importante delimitar o desenho experimental pretendido. Dentre os principais aspectos para tanto, Chin e Lansing (2004) destacam a necessidade de definição: das propriedades gerais dos dados a serem utilizados (proprietário, criação de dados, tamanho, formato); as propriedades experimentais (condições da experiência científica para gerar e tratar os dados); proveniência dos dados e elementos envolvidos (relação com as versões anteriores e recursos disponíveis); integração dos subconjuntos de dados dentro do experimento); elementos de análise e interpretação (notas, registros de experiências, interpretações, etc.); organização científica (classificação científica ou hierarquia das funções dos agentes envolvidos); tarefas dos sujeitos envolvidos; processo experimental (relação de dados e tarefas para o processo global); e definição da comunidade de usuários (aplicabilidade do experimento em relação ao conjunto de usuários do laboratório).

Temos nesta ferramenta, uma valiosa possibilidade de desenvolvimento de experiências sobre as práticas de escrita e de leitura em ambientes de hipermídia com crianças e adolescentes. Seu uso viabiliza a produção de um espaço de composição textual que atende ao convite de participação do leitor (WARDRIP-FRUIIN; HARRIGAN, 2004; MURRAY, 2003; AARSETH, 1997).

A essência dos laboratórios é a gestão colaborativa de conteúdo: são portais colaborativos modulares que, ao longo da duração de cada projeto temático, funcionam como “hotsite” (por enquanto, usando sobretudo o ambiente “Moodle”) para a articulação de conhecimentos, informações, estratégias de

aprendizado e colaboração em pesquisa, teste e formulação de conteúdos, produtos e serviços (SCHWARTZ, 2006, p. 2).

Rosenberg (1991) descreve os laboratórios como ambientes de pesquisa experimental nos quais é possível desenhar sistemas participativos para a condução e avaliação de experimentos com caráter colaborativo.

Cogburn (2003) enfatiza o potencial de múltiplos usos para os laboratórios para pesquisadores de diversos domínios acadêmicos. Projetos como “The International Personality Item Pool” (IPIP) (<http://ipip.ori.org/ipip/>), “Biological Collaborative Research Environment” (BioCoRE) (<http://www.ks.uiuc.edu/Research/biocore/>), “Molecular Interactive Collaborative Environment” (MICE) (<http://mice.sdsc.edu/>) e “Argonne National Laboratory” (<http://www.anl.gov/>) demonstram como estes ambientes podem ser utilizados por diferentes campos acadêmicos. É justamente nesta direção científica que destacamos a possibilidade de uso desta ferramenta para os estudos literários com ênfase no desenvolvimento e análise dos processos de escrita e leitura de textos literários em hipermídia.

Considerações finais

A partir da historiografia do texto, Chartier (1994) aponta como as alterações na materialidade do canal afetam as relações do leitor com o texto.

Abrem-se possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contiguidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. Essas mutações comandam, inevitavelmente, imperativamente, novas maneiras de ler, novas relações com a escrita, novas técnicas intelectuais (CHARTIER, 1994, p. 100-101).

Entendemos que estes canais revelam novos desafios acadêmicos, bem como a necessidade de novas abordagens metodológicas a eles adequadas (ARANHA, 2008). A este respeito vale lembrar a consideração de Chartier:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão (CHARTIER, 1998, p. 77).

Coiro (2003) destaca o fato de que as novas tecnologias instauram diferenciadas demandas de competências para a compreensão leitora, entendida como um processo simultâneo de extração e construção de conhecimento por meio da interação e da relação com a linguagem escrita. Esta autora entende haver substanciais alterações nas quatro competências referenciais do processo de leitura, a saber:

- 1) processo de compreensão do leitor (incluindo objetivos, motivações, competências e habilidades requeridas para a construção de significados, etc.);
- 2) gênero e estrutura do texto (objeto do processo de compreensão: hipertextos, hipermídia, e-mail, dentre outros, cada um requerendo processos cognitivos específicos);

3) processo de leitura (condições, tarefas e natureza das atividades de leitura, por exemplo, busca de informação, escrita colaborativa, rede de mensagens instantâneas, *chats*, etc.); e

4) contexto sociocultural da leitura (onde e quando se efetiva o processo de compreensão).

As novas dinâmicas de interação do leitor com as escrituras digitais estão no centro de múltiplas discussões contemporâneas, tanto no campo de Letras (CORREA, 2008; MURRAY, 2003; RYAN, 2001; AARSETH, 1997), quanto em campos como Educação (ALAVA, 2002; CARDOSO, 2000; BEILER, 1996), Comunicação Social (OLIVEIRA e VILLARDI, 2006; WARDRIP-FRUIN; HARRIGAN, 2004; PLAZA; TAVARES, 1998), Informática (CRAWFORD, 2005; MEADOWS, 2003), dentre outros.

Destaca-se, nestes debates, a necessidade de aprofundar as discussões acerca da escrita e leitura nos novos meios como um processo de interação entre autor-texto-leitor, com foco no reequacionamento desta relação em face das novas condições culturais, políticas e sociais dos leitores. Manguel (2004) colabora para esta discussão, evidenciando as transformações da leitura ao longo da história. Neste trajeto, as tecnologias contemporâneas afetam os processos de socialização e desenvolvimento de novas competências para as práticas de leitura e de letramento contínuo. Atividades estas que são estruturantes do pensamento-linguagem, do conhecimento e da cultura. Segundo Alava (2002, p.206), o “domínio da leitura hipertextual pressupõe ao mesmo tempo o domínio de competências de leitura, de habilidades informacionais, de condutas sociais e o acionamento de procedimentos cognitivos adequados”.

A utilização de novas ferramentas metodológicas, como os laboratórios, sugere para o campo dos estudos da literatura infanto-juvenil uma posição privilegiada na análise dos novos paradigmas literários. Evoca, assim, para o campo uma posição de ponta nos estudos das mediações tecnológicas da produção textual em relação a um universo de usuários não contaminados por lógicas e orientações anteriores, abrindo possibilidades ímpares e extremamente relevantes.

Literary collaboratories in children and youth's literature research: a proposal for a methodological tool

ABSTRACT:

The new media introduces and demands different strategies for writing and reading, that need to be properly mapped and understood, contributing to the development of research projects tailored to the contemporary paradigm. In this context, the use of collaboratories towards children and youth's literature represents a valuable tool for experimental research in hypermedia environments.

Keywords: Collaboratories. Children and youth's literature. Research. Methodological tool.

Notas explicativas

* Professor e pesquisador associado do Instituto de Ciências Cognitivas (ICC), Três Rios, Rio de Janeiro.

¹ O presente artigo apresenta a versão final e ampliada da comunicação “Leitura e escrita em ambientes de colaboração”, apresentada e discutida no IV Congreso de la Cibersociedad, organizada pelo Observatório para la Cibersociedad, em 2009 (ARANHA e SHOLL-FRANCO, 2009).

Referências

- AARSETH, Espen. *Cybertext: Perspectives on Ergodic Literature*. Baltimore: John's Hopkins University Press, 1997.
- ALAVA, Seraphin. *Ciberespaço e formações abertas: rumo a novas práticas educacionais?* Porto Alegre: Artmed, 2002.
- ARANHA, Glaucio. *Fazendo estórias: narrativas interativas e os novos paradigmas para a produção e crítica literárias sobre ambientes de hipermídia*. 2008. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) Área de Literatura Comparada. Universidade Federal Fluminense, 2008.
- ARANHA, Gláucio; Sholl-Franco, Alfred. "Leitura e escrita em ambientes de colaboração". Anais do IV CONGRESO DE LA CIBERSOCIEDAD: Crisis analógica, futuro digital. Cornellà, Espanha: Observatorio para la Cibersociedad, 2009.
- BEILER, Adriana. *Proposta de um Ambiente Hipermídia que permita ao leitor desempenhar o papel de criador de significado*. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Informática, Porto Alegre, 1996.
- CARDOSO, Cancionila Janzkovski. *Da oralidade à escrita: a produção do texto narrativo no contexto escolar*. Cuiabá: UFMT/INEP/MEC, 2000.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- _____. Do códex à tela: as trajetórias do escrito. In: _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília, DF: UnB, 1994. p. 95-111.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e Discurso*. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. El contrato de comunicación en una perspectiva lingüística: Normas psicosociales y normas discursivas. *Opcion*, v. 22, n. 49, p. 38-54, Abr. 2006.
- CHIN, George, Jr., & LANSING, Carina. Capturing and supporting contexts for scientific data sharing via the biological sciences collaboratory, *Proceedings of the 2004 ACM conference on computer supported cooperative work*, New York: ACM Press, 2004, p.409-418.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise didática*. São Paulo: Ática, 1997 (Fundamentos, 87).
- _____. *Panorama histórico cultural da literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Ática, 1991 (Fundamentos, 88).
- COGBURN, Derrick L. HCI in the so-called developing world: what's in it for everyone, *Interactions*, 10 (2), 80-87, New York: ACM Press, 2003.
- COIRO, Julie. Reading comprehension on the Internet: Expanding our understanding of reading comprehension to encompass new literacies. *The Reading Teacher*, 56, 458-464, 2003. Disponível em: http://www.readingonline.org/electronic/rt/2-03_Column/index.html. Acesso em: 18 set. 2008.
- CORREA, Almir Aquino (Org.). *Ciberespaço, mistificação e paranóia*. Londrina: UEL, 2008.
- COSLEY, Dan; FRANKOWSKY, Dan; KIESLER, Sara; TERVEEN, Loren e RIEDL, John. How oversight improves member-maintained communities. In: *Proceedings of the SIGCHI conference on Human factors in computing systems*. New York: Association for Computing Machinery, p.11-20, 2005.
- CRAWFORD, Chris. *On interactive storytelling*. Berkeley: New Riders, 2005.
- DE LL'ISOLA, Regina Lucia Peret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- EDE, Lisa; LUNSFORD, Andrea. Why write...together? *Rhetoric Review* 1, p.150-158, 1983.

- FINHOLT, Thomas A. Evaluation of electronic work: research on laboratories at the University of Michigan, *ACM SIGOIS Bulletin*, 16(2), 49–51, 1995.
- GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 1995 (reimpressão em 2000).
- HENLINE, Pamela. Eight laboratory summaries. *Interactions*, 5(3), 66–72, New York: ACM Press, 1998.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MEADOWS, Mark Stephen. *Pause & effect: the art of interactive narrative*. Indianapolis: New Riders, 2003.
- MURRAY, Janet. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. (Original de 1997).
- OLIVEIRA, Eloísa da Silva Gomes de; VILLARDI, Raquel Marques. A infância e a modernidade do ciberespaço: os desafios da interação entre criança e computador. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 53-64, jul./dez. 2006.
- PLAZA, Julio; TAVARES, Mônica. *Processos Criativos com os meios eletrônicos: poéticas digitais*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- ROSENBERG, Laurence C. Update on National Science Foundation funding of the “collaboratory”. *Communications of the ACM*, 34(12), 83, New York: ACM Press, 1991.
- ROSS-FLANIGAN, Nancy. The Virtues (and Vices) of Virtual Colleagues. *Technology Review*, p. 52-59, março-abril 1998.
- RYAN, Marie-Laure. *Narratives as virtual reality: immersion and interactivity in literature and electronic media*. Baltimore: Parallax, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. *Games e comunidades virtuais*, 2006. Disponível em <http://csgames.incubadora.fapesp.br/portal/publica/comu>. Acesso em: 21 abr. 2008.
- SCHWARTZ, Gilson. Knoware: o espaço/tempo da informação. In: ANAIS DO SEMINÁRIO PREPARATÓRIO SOBRE ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS DA INTERNET NO BRASIL, LNCC. Rio de Janeiro: RNP, 1995.
- _____. Laboratórios de Emancipação Digital: Pesquisa-Programa-Ação em Colaboratórios da Cidade do Conhecimento. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, julho, 2006. Disponível em <http://www.unirevista.unisinos.br/index.php?e=3&s=30&a=702>. Acesso em: 22 fev. 2009.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Coord.) *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SONNENWALD, Diane H.; WHITTON, Mary C. MAGLAUGHLIN, Kelly L. Scientific laboratories: evaluating their potential, *Interactions*, 10(4), 9–10, New York: ACM Press, 2003.
- TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. São Paulo: Cortez, 1995.
- WARDRIP-FRUIN, Noah; HARRIGAN, Pat. *First person: new media as story, performance, and game*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2004.
- WULF, William. *The national collaboratory: Applying Information Technology for Scientific Research*. Washington DC: National Academy Press, 1993.